

# livros de ontem leituras de hoje

Não tinha inteira razão aquele meu amigo que há dias considerava amargamente:—não há em Portugal livros dignos de leitura no momento presente; dos actuais raríssimos esperam todo o interesse e oportunidade. Não há remédio senão fazer uma emigração intelectual.

Na realidade, quasi desapareceu da imprensa portuguesa aquele tipo de jornalista independente e rebelde que não prostituía a consciência e encarava a vida com coragem; esse tipo foi substituído pelo automático, por uma espécie de máquina de calcular apropriada a serviços de redacção e nos romancistas ou novelistas obliteraram-se aquelas esplendorosas faculdades críticas que tornaram grandes um Eça, um Fialho e mesmo um Camilo.

Mas é desacerto culdar-se que perderam o interesse e aplicação à actualidade, nesta quadra emocionante de guerra, os escritores de há uma vintena de anos atrás. Os homens de letras portugueses eram precisamente mais insubjugáveis, mais integros e sinceros até aos primeiros anos do século corrente. Um Fialho, um Eça, um Ramalho, cada um de per si deixou na sua obra maior dose de verdade social que todos os nossos escritores actuais juntos. E ainda hoje essa verdade, *mutatis mutandis*, perdura e rebrilha.

Que adianta, por exemplo, para melhor compreensão da guerra e da psicologia dos povos nela empenhados, ler as crónicas de Londres ou de Paris dum Artur Portela? De tal maneira elle já sabia o que ia escrever e o que mais convinha à boa reputação do jornal que o estipendia, que as podia ter redigido em Lisboa, na doce tepidez do seu quarto, a lápis sobre os joelhos, enquanto lavava os pés. Se em vez disto, porém, nos dermos à aprazível tarefa de retermos as *Cartas de Inglaterra*, que contam já uns bons sessenta anos, encontraremos um fresco sabor de actualidade e de certo compreendemos um pouco melhor a guerra deflagrada há seis meses. Com efeito, é indispensável conhecer bem a Inglaterra, a sua história pelo menos a partir do principio do século XIX, a psicologia geral dos seus homens de Estado, o seu imperialismo, os seus conflitos interiores, o seu povo, a sua classe preponderante, os seus costumes, etc., para nos inteirarmos cabalmente do verdadeiro papel que o império britânico está desempenhando na politica mundial.

Por isso, considero altamente recomendável neste momento a leitura ou releitura das *Cartas de Inglaterra*. É todo um mundo que se destolda. A raiz de inúmeras perturbações europeias dos nossos dias imerge em circunstâncias reveladas com larga cópia de pormenores, os curiosos e deslumbrantes pormenores jornalísticos, nesse encantador livro de há sessenta anos. Parece que hoje ninguém em Portugal saberia escrever crónicas assim. Já não digo com tanto talento, mas com tanta independência mental, com tanto respeito pela verdade de envolta com o mais risonho desprezo pelos telegramas dos jornais e, enfim, com tanta ternura pelos oprimidos.

O Natal inglês, com todas as suas delicias e intimidadas domésticas, as festas das crianças inglesas, a literatura simples e ingénua que lhes é destinada e o culto que lhes é presteado; a vida inteligente e deleitosa que levam as familias inglesas abastadas—não fizeram esquecer a Eça de Queiroz os lados negros e sangrentos do império. Ali está relatada, por exemplo, com todas as minudências e com a mais transparente clareza a questão da Irlanda—um pequeno e laborioso povo, patriota e apalxonado, sequioso de independência e ardendo por se emancipar dos ociosos e gozadores *landlords* ingleses, senhores de imensas terras de cultura na Irlanda, alugadas aos naturais em condições onerosas e escravizantes. Ainda hoje os jornais dão noticia de atentados, explosões e outros actos terroristas praticados em Inglaterra e cuja autoria se atribue aos irlandeses. As agências de informação não deixam entrever senão o aspecto policial da questão e muita gente supõe não existir ali senão uma inconciliável antipatia de raças. Pois quem quiser saber o que está no fundo desses conflitos leia as *Cartas de Inglaterra*.

Lá encontramos também a questão inglesa do Afeganistão. Naquele tempo era a Inglaterra, e não a Alemanha, quem reclamava a todo o transe e a todo o momento *espaços vitais*. Aqui vão algumas linhas preciosas:—*Em 1847 os ingleses, «por uma Razão de Estado, uma necessidade de fronteiras científicas, a segurança do império, uma barreira ao dominio russo da Ásia...» e outras coisas vagas que os politicos da India rosnam sombriamente, reforçando os bigodes—invadem o Afeganistão, e aí vão aniquilando tribus seculares, desmantelando*

*vilas, assolando searas e vinhas: apossam-se, por fim, da santa cidade de Cabul; sacodem do serralho um velho emir apavorado; colocam lá outro de raça mais submissa, que já trazem preparado nas bagagens, com escravos e tapetes; e, logo que os correspondentes dos jornais têm telegrafado a victoria, o exercito, acampando à beira dos arroios e nos vergeis de Cabul, desaperta o correame e fuma o cachimbo da paz... Assim é exactamente em 1880.*

Como poderia resistir o pobre povo afgão, com os seus Messias inágenas ignorantes na técnica militar, e com um exercito arcaico armado de cimarras de melodrama e peças do modelo das que outrora fizeram fogo em Diu, na expressão do Eça, logo que o general Roberts, num momento de apuros, pediu ao governo da India reforços, chá e açúcar (textual) e fez surgir uma aluvião de socorros, *uma marcha assoladora com cinquenta mil camelos de bagagens, telégrafos, máquinas hidráulicas e uma cavalgada eloquente de correspondentes de jornais!*

Num capitulo inteiro encontramos a curiosa biografia de Disraeli ou Lord Beaconsfield, o famoso estadista britânico e é delicioso e instrutivo ler essas magnificas páginas, nas quais o que avulta, afinal, são as feições morais características dos homens de Estado da velha Albion. Depois temos sucessivos capitulos acerca da occupação militar do Egipto pelos ingleses, a história toda, minuciosamente completa, desde a primeira chibatada de cavalo marinho que um subdito de Sua Magestade vitorou na face dum indigena em plena praça pública até ao horrível arrasamento da cidade de Alexandria pelos canhões da esquadra inglesa, soando então a última hora da independência do veneravel Egipto.

É também ventillada num capitulo a questão judaica, tão mal conhecida por muitos portugueses de hoje e tão desnaturalada pelas campanhas interesseiras da imprensa. Os judeus eram já perseguidos na Alemanha no tempo de Bismark como o foram há pouco sob o signo nazi. Questão puramente racista? Assim o crê a maioria dos leitores da imprensa di-nheirosa. A verdade, porém, é que o secular conflicto é basicamente económico e quem se dispuser a descortinar o seu segredo não tem mais que arrojarse para o lado o «Diário de Noticias» e abrir as *Cartas de Inglaterra*. Os livros, como certos animais, têm os seus periodos de hibernação, durante os quais parecem adormecidos num esquecimento eterno; até que lhes chega uma hora em que se restituem à luz e à vida. Creio que em muitas mesas de cabeceira vai reaparecer aquele maravilhoso livro do Eça.

Alvaro Marinha de Campos  
(De O Diabo)

## C I N E M A

### a produção francesa

Disse aqui, no número anterior, que o cinema francês é praticamente nulo. Podem apontar-se algumas causas principais.

A primeira, de circunstância, reside no facto da França estar em guerra e portanto a produção ou se encontra paralizada ou está ao serviço dos interesses do Estado.

Isto não seria grande razão, visto o cinema francês contar muitas obras que ainda não vimos. Temos, portanto, de analisar outra, que é bem mais profunda: a impossibilidade do cinema francês concorrer vantajosamente com o americano.

As empresas americanas, poderosíssimas, absorvem, pouco a pouco, tudo o que é bom no

cinema francês: actores, técnicos, realizadores. O exemplo de Duvivier, bem recente, é flagrante.

É pois, infelizmente verdade, que o cinema francês, mesmo antes da guerra, se encontrava em crise. A confirmação é fácil de fazer-se.

Existe, em França, o *Grande Prémio de Cinema*, fundado em 1934, assim attribuido: 1934—«*Maria Chapdelaine*»; 1935—«*A Kermesse Heroica*»; em 1936 o *Grande Prémio* passa a ser conferido apenas aos filmes franceses em que «*todos*» os colaboradores sejam franceses, sendo premiado «*L'Appel du Silence*»; 1937—«*Légions d'Honneur*»; 1938—(nesta data o G. P. passa a chamar-se *Prémio Navel*) «*A lerta no Me-*